

## EDITORIAL PEIAS SOCIAIS

Somos, sobremaneira, policiados, controlados socialmente. Uma sociedade que cria padrões de normalidade, que uniformiza comportamentos e processos e que, com isso, nos limita, nos inibe, automatiza procedimentos, nos despersionaliza.

Na verdade, o homem, como identidade e identificação espiritual, acha-se abandonado, cerceado pela família, pelo governo, pela religião, pela escola; desamparado ou marginalizado até por si mesmo. Condicionado a pensar e a agir dentro de escopos convencionados, consoante padrões culturais e os interesses de quem detém ou manipula o poder, seja ele econômico, religioso, político-ideológico. Somos tratados, via de regra, como passageiros e magotes, aleatoriamente conduzidos e lançados a comboios por profetas da felicidade, da realização, de mil e vãs promessas e que, no entanto, após nos usarem, nos cobrarem onerosas passagens, nos abandonam, pois em sua maioria são eles tíbios, senão pastores mercenários, nos termos do Evangelho. É-nos dado um mapa, um guia com roteiro já definido e prescrito pelos “guardiães” e “condutores”, sem opções de mudanças.

Se alguém destoa, se encontra caminhos próprios de autorrealização, de autenticidade pessoal, de comunhão com o Divino, logo soam pedradas e anátemas.

## AO PÉ DA FOGUEIRA O PACIENTE HUMILDE

Fazendeiro dos mais abastados, criador dos mais respeitados de gado zebuino: gir, guzerá, cujos bois, quer para engorda, quer para abate ou principalmente reprodução, eram disputados à unha por interessados e ruralistas da região e até de paragens distantes. Não davam para a encomenda. Um homem franzino, esguio, rosto aquilhado, olhar penetrante, aparência de mago ou personagem nobre, saído de antigas histórias ou quem sabe de alguma carta de tarô; modesto no trajar e no se relacionar, de hábitos espartanos, sem quaisquer laivos de ostentação.

Administrava a propriedade com a ajuda de empregados e eventualmente dos filhos, pois alguns estudavam e trabalhavam fora, enquanto outros dedicavam-se a atividades empresariais autônomas. Homem de consideráveis posses, contava, além de terras, benfeitorias e grande rebanho, com aprazível residência na cidade.

Certo sábado, acidenta-se na fazenda. Durante a lide com o gado, separação de lotes, cai no curral. Quebra o braço e feio. Fratura exposta. Conduzido ao hospital na cidade, onde lhe é prestado um atendimento emergencial, é remanejado para o Hospital Nossa Senhora das Mercês em São João del-Rei. Era um caso agravado e que exigia cirurgia urgente.

Uma dor insuportável. Por ser sábado, não havia ortopedista de plantão no hospital. A atendente telefona, inutilmente, longos e intermináveis minutos, buscando localizar algum profissional da área. Após muitas e sucessivas tentativas, consegue contactar o Dr. Marcos Campello, um dos mais conceituados ortopedistas da região, numa cidade próxima e que, de pronto, se dispõe a atender àquela emergência. A enfermeira, condoída, informara, previamente, por telefone, ao médico que se tratava de um senhor, “um pobre roceiro”, com grave

Somos, igualmente, ingênuos, porquanto tomamos ou aceitamos tais lideranças como referências, como se elas pudessem satisfazer nossos desejos, nossas aspirações, o nosso ser. Concebemos gigantes e que, em grande parte, não passam de fábulas, farsas, falácias. Falhas e decepções nos são retornadas. E, assim, nos deixamos aprisionar por crenças e valores delineados por outrem. Aqueles, mesmo os idôneos, os sensatos, em quem depositamos expectativas, potências, fantasias e teorias são também frágeis, passíveis de erros e manipulações. Somos, afinal, todos humanos.

Restam-nos vazios por vezes e incessantes buscas. Não há verdades ou proposições absolutas. Não há milagres ou automatismos naquilo que são ânsias de progresso, desejos de crescimento, aspirações do coração e da mente. Há, sim, trabalho, determinação, discernimento, coragem, educação, autovalorização. Pensamento assertivo. A missão de avaliar, crer, servir. Atuação social, espiritual. “Os únicos que serão realmente felizes são os que procurarem e encontrarem um meio de servir” (Albert Schweitzer).

Precisamos de novos mapas, novos itinerários, novos voos. E eles estão à nossa vista, ao nosso lado, rentes a nós, em nós. “O reino chega em silêncio” Questão de foco, de um olhar mais acurado...



fratura ao trabalhar em seu roçado e ali em circunstâncias de muito sofrimento físico e emocional.

Dr. Marcos, ao chegar, depara-se com o “roceiro” em grande sofrimento, roupas as mais rústicas e também se apieda da situação. Atende o paciente da melhor forma possível.

Solícito, humano, extrovertido, notável profissional que é, realiza todos os procedimentos médicos, que lhe exigiram meticulosa técnica e total compenetração. Tratava-se, afinal, de uma séria ruptura óssea e cartilagens.

Paciente atendido, braço engessado e imobilizado. Dr. Marcos informa-o de que necessitará ficar uns 90 dias afastado de qualquer atividade física. Repouso devido, rígido, em casa e com acompanhamento por familiares. Que esquecesse os serviços da roça, dependurasse a enxada por uma boa temporada. E, tempos em tempos, retornasse para avaliação, troca de gesso, algum exame... O paciente, já mais calmo, esclarece: - É, doutor, meu negócio é mesmo roça, botina no barro, no desassossego, mas como o sr. mesmo diz, vou ter que ficar uns tempos no estaleiro, na minha casinha na cidade...

Arremata: - Quanto lhe devo, doutor?

- Nada, meu amigo. Seria incongruência minha cobrar de uma pessoa tão humilde, um lavrador como o senhor...

- Então, doutor, quando o senhor for a São Tiago, terei o máximo prazer em recebê-lo em minha fazenda...E tem outra: o senhor pode escolher o melhor boi do meu plantel...E não é que Doutor Marcos Campello aqui veio, ele mesmo pilotando um caminhão, para levar o boi que lhe fora presenteado pelo nosso “pobre lavrador”?!?

# ADIVINHAS

- 1- Não tem pé e corre, tem leite e não dorme, quando para morre?
- 2 - Qual o estado brasileiro que começa com um membro do seu corpo?
- 3 - Quem é que casa muitas vezes, mas sempre está solteiro?

Respostas: 1 - O rio; 2 - Pernambuco; 3 - O padre.

## Provérbios e Adágios

\*Para o pessimista, o vento geme; para o otimista, o vento canta.

\*Depois que a procissão passa, não adianta tirar o chapéu.

\*A fortuna é de vidro; um dia, se quebra.

\*Quanto mais pobre o circo, mais enfeitados os palhaços.

## Para refletir:

### Somos Seres de comunicação.

Somos, por excelência, seres comunicativos. No entanto, com os outros, descobrimos que somos e nos compreendemos melhor, crescemos em humanidade, mudamos para melhor e nos tornamos fator de transformação da realidade em que vivemos. Isto significa, simplesmente, viver em "estado de graça", com paixão pelas pessoas e pela vida. Convivemos, porém, com contrastes e contradições! Na era da internet, conseguimos nos conectar e estar próximos "virtualmente" de pessoas e lugares distantes em fração de segundo, mas, por vezes, não conseguimos estabelecer laços vitais de comunicação com quem está ao nosso lado no dia a dia. Por isso, precisamos urgentemente ser educados para a vivência destas qualidades comunicativas.

(Leo Pessini, Camiliano)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Lídia Fernanda de Campos

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Julia Francisca Vasconcelos

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 - telefone: (32) 3376-1107

Falar com Julia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



## REVISTA CULTURAL (MICRO)REGIÃO VERTENTES

A Assembleia Geral do SICOOB CREDIVERTENTES de 21/03/2013 aprovou a edição/publicação, inicialmente com tiragem semestral, 5.000 exemplares, de uma "Revista Cultural", com abordagem e enfoque nos aspectos econômicos, históricos, turísticos, humanos, socioambientais, agroindustriais e correlatos que compõem tantas peculiaridades e potencialidades dos municípios de nossa região, em especial das comunidades onde o SICOOB CREDIVERTENTES mantém agências e/ou constituam suas bases e áreas de atuação.

Iniciativa ousada, pioneira e já antecipadamente enaltecida, permitindo o reconhecimento, a divulgação, o lançar-se luz sobre a vasta e diversificada riqueza cultural da região, e por vezes, desconhecida até de nós mesmos.

O 1º exemplar deverá ser editado no 2º semestre/2013 e comprovará, sem dúvida, o elevado compromisso e a mais profunda sensibilidade que a Instituição (SICOOB CREDIVERTENTES) e por extensão toda a doutrina cooperativista mantém quanto ao cultivo, preservação e expansão da cultura, da promoção social e do conhecimento para a nossa e as futuras gerações.

### ELEIÇÃO DA DIRETORIA DO IHGST É DECIDIDA POR ACLAMAÇÃO

Em 27 de maio de 2013, foi eleita por aclamação a diretoria do IHGST - Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago. Conforme a publicação dos editais, os membros interessados poderiam, caso quisessem, se inscrever em chapas e registrá-las na secretaria até o dia 16 de maio. No entanto, apareceu apenas uma chapa para dirigir o IHGST por um período de 3 anos.

A reunião ordinária para eleição e posse da nova diretoria do IHGST foi presidida pela presidente da instituição, Maria de Lourdes Rezende (Cairu) e secretariada pelos sócios, Marcus Antônio Santiago e Luciane Aparecida Lopes Silva. Oportunamente a presidente saudou os presentes e explicou como se deram os procedimentos da eleição segundo as normas estatutárias e regimentais.

Assim, foram eleitos e tomaram posse os membros da Diretoria e Conselho Fiscal, com a responsabilidade para dirigir o IHGST para o triênio que se inicia em 27 de maio de 2013 e terminará em 27 de maio de 2015. A direção do IHGST ficou constituída da seguinte forma: Diretor - Presidente: José Alves de Oliveira; Vice - presidente: Maria da Conceição Silva Mata; 1º Diretor - Secretário: Marcus Antônio Santiago; 2º Diretor - Secretário: Flávio Antônio Salomão Martins; 1ª Diretora - Tesoureira: Luciane Aparecida Lopes Silva; 2ª Diretora - Tesoureira: Jordana de Minas Caputo; Diretor de Relações Públicas: João Pinto de Oliveira. Conselho Fiscal - Efetivos: Décio Jonas Coelho, Paulina Feliciano Viegas e José Faria Santiago. Suplentes: Janete Aparecida Silva Vieira Costa, Zely Rezende e Maria Inês Vieira de Almeida.

A ex-presidente, Cairu, e agora administradora do Memorial Santiaguense, agradeceu a todos indistintamente pelo apoio, parceria e companheirismo na união de ideias e objetivos em prol da cultura, história e memória do município de São Tiago. Desejou felicidades e sucesso a nova diretoria do IHGST nessa nova etapa que se inicia.

*Marcus Antônio Santiago - Membro do IHGST*

Patrocínio:

**EletrôMóveis**



Apoio Cultural:



# MONSENHOR ELÓI – DEZ ANOS INTERCEDENDO POR NÓS



*“Quem a gente ama não morre, pois está sempre em nosso coração.”  
(Dom Joércio)*

Outro pensamento de profundo significado:

*“O homem é eterno quando sua obra permanece”.*

O vigor do soldado, a fé do pastor e a solicitude do cristão nortearam a vida de nosso inesquecível conterrâneo e pároco Monsenhor Elói.

Dez anos depois, ecoam suas lições sóbrias, sua crença inabalável no Deus-caridade e sua disponibilidade em semear a cultura do bem, através do estudo acadêmico, da arte e da alegria.

Fé e obras moveram seu apostolado. Ao seu rebanho não faltaram o zelo, a dedicação e o amor do Pastor incansável.

Foram décadas de semeadura e os frutos aí estão, espalhados aqui e mundo afora.

Somos os frutos de uma colheita farta e vigorosa.

Realiza-se o que ele sonhou e nos transmitia em suas aulas: “ser cidadãos de bem, espalhados no mundo, para fazerem o bem”.

Seus ideais eram tão importantes e de tanta expectativa, que nunca lhe faltaram companheiros para os Movimentos Religiosos, professores para o seu Ginásio e funcionários para suas Obras constantes.

O badalar dos sinos, as canções da banda de música, a reza do Ângelus na matriz ainda ressoam para recordar-nos a fé e a alegria de um sacerdote dedicado e amado.

Dez anos depois, sentimos saudades de suas festas, de suas broncas e de sua presença que nos garantiam segurança, amparo, progresso e proximidade com Deus.

*Maria de Lourdes Rezende (Cairu)*  
*Membro do IHGST*

(Cadeira n.º 22 – Patrono Monsenhor Francisco Elói de Oliveira)

## MONSENHOR FRANCISCO ELÓI DE OLIVEIRA

### BIOGRAFIA RESUMIDA

NASCIMENTO: 19/11/1915 – São Tiago

ORDENAÇÃO SACERDOTAL: 20/10/1940 – Igreja da Floresta – BH

FALECIMENTO: 03/08/2003 – São João del Rei

SEPULTAMENTO: 04/08/2003 – São Tiago

#### ESTUDOS:

- Curso Primário – Grupo Escolar Afonso Pena Júnior - São Tiago

- Curso Ginásial – Seminário Eucarístico Coração de Jesus – BH

- Curso de 2º grau – Seminário Eucarístico Coração de Jesus – BH

- Curso Superior e Teológica – Seminário Eucarístico Coração de Jesus – BH

#### PARÓQUIAS ONDE TRABALHOU:

- Santo Antônio do Rio Acima (1ª)

- Passa Tempo

- Morro do Ferro

- Mercês de Água Limpa

#### SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

- Prestou assistência religiosa aos soldados, na Itália, de julho de 1944 a 1º/09/1945.

- Capelão Militar

- Exerceu a função de Capelão Militar, em BH no 10º RI, de 1945 a set. de 1947.

Realizou na Paróquia de São Tiago inúmeras obras de cunho religioso, social e cultural.

Testemunhou com sua vida, o que pregava na Igreja.



# O BURRO "HOSPEDEIRO"

Pe. José Duque era conhecido e respeitado exorcista, temido até mesmo pelos mais empertigados espíritos obsessores (malignos, na acepção de alguns religiosos). São dezenas de "causos", de cunho oral, em que nosso celebrado vigário aparece cuidando, libertando e curando pessoas tidas como "possuídas", "endemoniadas" ou sendo chamado, às pressas, para acudir famílias, cujos entes ou casas passavam a ser objetos ou vítimas de fenômenos estranhos, provocados por forças invisíveis ("pedradas" nos telhados, "pancadas" nas portas e janelas, objetos que se deslocavam de um lugar para outro, movendo-se espontaneamente no ar, etc.)

Sabe-se por seguras informações, por relatos de pessoas fidedignas e idôneas de nossa comunidade, amigos estreitos e que lhe frequentavam regularmente a residência, que Pe. José era profundo leitor de obras ligadas à Psicologia, à Metapsíquica <sup>(1)</sup> e mesmo Esoterismo, com um domínio amplo e avançado sobre manifestações espirituais. Sem se falar no excepcional conhecimento das obras clássicas da Teologia e do Misticismo cristão e da vida de grandes demiurgos como S. Tomás de Aquino, São João da Cruz, Santa Tereza d'Ávila, etc <sup>(2)</sup>, donde hauria uma fundamentação sóbria, sólida à sua prática evangélica. Homem probo sob todos os aspectos, culto, sacerdote modelar, de hábitos ascéticos e ilibados, humanista, estudioso, enérgico e espiritualmente energizado, destemido, tinha, enfim, todos os predicados para o exercício do exorcismo. Um homem à prova de tentações e de fragilidades, passíveis de ser apontadas e execradas por terceiros, sejam desse ou do outro mundo.

Certo cidadão, pessoa trabalhadora e dado a negócios e catiras, viu-se subitamente tomado de alucinações e graves crises psicóticas. Loucura, possessão, "encosto" segundo o

veredicto popular. Tornara-se violento, incontrollável, levando o pânico à família e vizinhança.

Pe. José é chamado, comparecendo à residência, devidamente paramentado e de posse de seus inseparáveis instrumentos litúrgicos; fazia-se acompanhar pelo Joaquim Sacristão. Curiosos e ociosos ali se aglomeravam, em torno à casa, compondo um caricato farrancho, um burlesco ajuntamento. Vários rezavam. Dentre tantos bisbilhoteiros, achava-se ali o Sr. João Candeia, conhecido boiadeiro, que ao passar pelo local e observando a aglomeração reinante, apeou de seu estimado burro, prendendo-o pelo cabresto a uma árvore próxima. Pe. José ora e ordena ao espírito obsessor que atormentava aquele humilde homem, para que abandonasse o corpo que não lhe era seu. O obsessor se apresenta como um credor, com alegações de que o dono da casa ficara-lhe devendo "uns bons cobres", daí estar ali para acertos. Trava-se um prodigioso diálogo entre dois homens, de dimensões espaciais diferentes e dos quais o Evangelho acha-se repleto de exemplos.

Pe. José prega sinceramente sobre o perdão, a grandeza da vida celeste, a suprema bondade e misericórdia Divinas. Embora resistente, o infelicitado espírito, dialoga. Parece tornar-se sensível, preso à sábia e caridosa preleção de nosso virtuoso pároco.

- Acho-me desnorteado... Mas para que morada irei?, inquire o obsessor.

- Volte para o mundo espiritual, para o convívio dos anjos. Agasalhe-se nos braços de Deus que o aguarda com todo o amor.

- Mas, não posso deixá-lo... Ele ficou me



devendo... E minha família passa dificuldades..., referindo-se ao obsedado, ali arfante, lívido.

- Perante Deus, meu amigo, somos todos devedores e Ele nos perdoa sempre. Façamos, pois, a nossa parte, perdoadando também e amando até os nossos maiores adversários. Somos irmãos em Cristo.

Espírito endurecido, profere entre dentes:

- O senhor, com todo o seu poder, vai me arrancar do corpo dele... E eu preciso de uma nova morada...

Um gaiato que acompanhava todo o dramático, doloroso quadro, por mera chocarrice, exclama:

- O Joaquim Sacristão está bem ao seu lado...

- Vade retro! Joaquim Sacristão, pasmo, prontamente esconjurou, persignando-se longa e até convulsivamente.

Pe. José prosseguia breviário na mão, orando em latim, buscando apaziguar o espírito. Ali em aflitivas condições.

Outro zombeteiro presente fez referência então ao burro do Sr. João Candeia, à porta da residência, momento em que o obsedado soltou um pungente grito, caindo semidesfalecido sobre o sofá, enquanto o burro em fulminante arremate, bufando, saracoteando, arre-bentando cabresto, atropelando a tudo e a todos, disparou enlouquecido, embarafustando rua a fora, ante o espanto, o estardalhaço e o pavor dos presentes e os gritos de seu desalentado proprietário em inúteis e desesperados chamados.<sup>(3)</sup>

O enfermo viu-se, doravante, curado, retornando às suas lides normais, decerto se acertando com os familiares do exigente credor. E do burro nunca mais se teve quaisquer notícias!

## NOTAS

(1) Sabe-se que Pe. José, homem viajado, poliglota, conhecia, lia e discutia obras de grandes cientistas e estudiosos da época ligados à fenomenologia transcendental, ao magnetismo, hipnotismo, antropologia criminal, etc. Charles Richet, Mesmer, William Brookes, Cesare Lombroso eram autores de pleno conhecimento de nosso erudito vigário.

Pe. José, dessa forma, dispunha de domínio e meios mais avançados de comunicação com os chamados “mundos invisíveis” e daí conhecimento quanto às manifestações físicas, mecânicas, de sematologia, tiptologia, psicocinese, pneumotografia, dentre tantas as existentes, catalogadas e estudadas pela ciência e religião. Temos informações e relatos orais sobre extraordinários atos de Pe. José, quando de seu vicariato em paróquias da região, nos idos e vividos do século passado, oportunidade em interferiu e solucionou complexos casos de “assombrações” e de fenômenos “do além”.

(2) A história registra casos de inúmeros santos e místicos da Igreja que detinham extraordinários poderes sobrenaturais, com faculdades de vidência, clarividência, cura, psicografia, profecias, ubiquidade, etc. e até hoje motivo de estudos e de reverência com ênfase para vultos como Santa Brígida de Vadstena, Santa Maria Margarida Alacoque, S. Antônio de Pádua, S. Afonso de Liguori, São João Bosco, Santa Gemma Galgani, São Pedro de Alcântara, Santa Joana d’Arc, Santa Teresinha de Lisieux.

(3) O Evangelho faz inúmeras referências a espíritos obsessores. Em Lc 8,26-35 e Mc 5,12 Cristo lança uma falange de espíritos maus sobre uma vara de porcos. Em Mt 12,43-45

# MARIA ANTÔNIA DE SOUSA,

## exemplo de amor e dedicação ao trabalho voluntário na comunidade



Maria Antônia de Souza

Na vida de nossas comunidades sempre houve pessoas que são voluntárias nos diversos serviços e, sobretudo, em obras filantrópicas, assistenciais ou religiosas. A maioria das pessoas está ali por puro amor e disponibilidade, a causa pela qual diretamente estão ligadas. Nas comunidades religiosas e igrejas isso é muito comum. Os leigos assumem serviços junto aos ministros de culto para a organização do espaço celebrativo e na catequese.

Em São Tiago não é diferente, a senhorita Maria Antônia, depois de auxiliar na vida paroquial por mais de 50 anos, terminou sua missão como voluntária da Igreja Matriz.

Maria Antônia de Sousa é natural de São Tiago, nascida aos 31 de outubro de 1947. Filha do Sr. Paulo José de Sousa (mais conhecido por Paulo Manteigueiro) e de dona Maria das Dores Sousa. Seus irmãos: Rosária (Zalica), João Batista, Antônia (Neném), Univaldo (Vavá), Lourdes, Sirlei (Cilene), Conceição (São) e Penha.

Com 6 anos de idade já ajudava na ornamentação e organização para a missa em companhia da Dinha (Zalica), das irmãs: Neném, Sirlei, São e de dona Beralda (mãe do Sr. Valdemar, que por muitos anos, foi o sacristão) que era responsável por fazer as hóstias de forma manual numa forma própria que tinha na Matriz para todas as igrejas. Aos 7 anos, foi preparada pelas catequistas Culinha do Zé Agenor, Neném, dona Biela, Tília (Maria da Boa Morte) e recebeu a 1ª Eucaristia em 24/07/1954 das mãos do Padre Francisco Elói. Daí por diante seu gosto pelas coisas de Deus só aumentavam. Tinha grande prazer em ir ornamentar a igreja. Na maioria das vezes com suas irmãs pedia flores nas casas da comunidade para arrumar o altar, gostava muito de carregar e lavar as jarras.

Em julho de 1984 foi crismada por Dom Francisco Barroso Filho, e a partir daí resolveu que iria continuar ajudando na igreja naquilo que lhe fosse possível. A Igreja Matriz foi um dos principais lugares que atuou, mas não deixa de ajudar também na Capela de São Sebastião principalmente nas festas do padroeiro, em janeiro e no mês de maio, com as coroações a Nossa Senhora no antigo Cruzeiro que lá existia.

Maria Antônia estudou até a 6ª série no Colégio Normal Santiaguense, só não deu continuidade aos estudos porque dividia seu tempo com os afazeres de casa, do seu trabalho e com a igreja que tem grande carinho e dedicação. Foi membro da Associação de São José, Pia União das Filhas de Maria e, após o falecimento de dona Zélia Reis (1994), tornou-se a presidente do movimento por muitos anos. Nesse período assume definitivamente com outras leigas, Maria da Conceição dos Santos (São) e Ana Cândida Ferreira a ornamentação dos altares, preparação e marcação de missas juntas por todo esse tempo. Disse que conviveu com todos os Bispos da Diocese de Oliveira, padres que passaram pela paróquia depois do Padre José Duque e conheceu muitos seminaristas que hoje são padres. Ficou bom tempo alternando o horário do seu trabalho para ajudar cozinhar na casa paroquial quando Monsenhor Elói esteve doente. Na semana santa e nas tradicionais festas de agosto havia grande movimento na cidade e com isso chegava tarde em casa, pois ajudava na ornamentação do templo, nos almoços e jantares que Monsenhor Elói servia a autoridades, seminaristas e aos padres que vinham pregar.

Ao ser perguntada sobre alguns casos que vivenciou de tristeza, medo e alegria disse: “De tristeza, falecimentos de padres com quem convivi, Padre Tiago e Monsenhor Elói. Também uma situação de quando não havia as grades no entorno da Matriz e suas portas eram de madeira e para dentro, com isso, as crianças ao brincarem de pique aproveitavam para se esconder nas portas laterais. Todos advertiam sobre o perigo de se machucarem. Até que um menino de nome Fábio

(irmão da Irene Caputo), ao sair correndo, acabou batendo a cabeça no portão de pedra da porta. Com pouco recebemos a notícia de seu falecimento”. De medo, disse-nos que o suporte de colocar os caixões, um grande caixote alto que tinha o nome de “Essa”, comprido, com quatro rodinhas, todo fechado e coberto com um pano preto que ficava ao fundo da igreja perto da pia batismal e que era colocado no meio do templo onde Monsenhor Elói usava para fazer as orações de encomendação dos defuntos. “Como dava pavor em arrastar principalmente à noite. Eu tremia de medo e pior quando estava sozinha. O barulho que fazia era forte”, frisa. “E também ao fechar a igreja, desligava a chave de energia das luzes na entrada e tinha que voltar no escuro até a sacristia para sair. Os mais velhos diziam que as igrejas eram assombradas e, à noite, os morcegos voavam quando apagavam as luzes. As portas de madeira faziam o lugar ficar ainda mais escuro. Corríamos para sair depressa”, conclui.

O sacristão ou Maria Antônia quando não fechavam a igreja, dona Zélia que se encarregava de fazê-lo. Certa vez, como a Matriz, antes da reforma, era um pouco escura, dona Zélia não viu que havia ficando alguém na igreja e acabou fechando e foi para sua casa. Pessoas passavam de fora do templo e ouviam uma voz embolada perto de uma das janelas. Muitas nem pensavam em voltar, achavam que era assombração e corriam pra valer. Só que ninguém tinha a coragem para averiguar se era mesmo um fantasma. Com isso, Valdemar e o José (irmão do Monsenhor Eloi) passando perto resolveram ver o que era, quando lá estava preso o Crispim que gritava pedindo socorro e que, ao seu jeito, parecia estar com medo também.

Maria Antônia disse que os padres que, passaram pela igreja paroquial de São Tiago, sempre tiveram confiança nos seus serviços e muitas vezes pediam-lhe opinião para as compra de alfaias, toalhas e objetos para as capelas urbanas e rurais.

Depois de mais de 50 anos, em janeiro deste ano, conversou com o pároco e lhe entregou a chave da igreja e deixou tudo escrito para a pessoa que fosse assumir o seu lugar. Com muita alegria, disse que doou sua vida aos serviços da Igreja Paroquial de São Tiago e fez com grande desprendimento e carinho. Por fim, agradeceu a todos com quem conviveu.

Através dessa singela homenagem agradecemos a todos que são comprometidos com o voluntariado, doando parte da sua vida a pessoas e entidades. Aproveitamos para agradecer, também, às voluntárias que dedicaram uma vida à Capela do Rosário, Antônia Geralda Santiago e Antônia Catarina Santiago Campos.

Marcus Antônio Santiago - Membro do IHGST



Maria Antônia e irmãs

## Temas ligados à cidade de São Tiago tornam-se produtos acadêmicos em Instituições de Ensino Superior da região

A cidade de São Tiago muito rica culturalmente em História, Memória, Religiosidade, Gastronomia, Artesanato, Atrativos, Personalidades torna-se uma fonte inspiradora para acadêmicos de muitas Instituições de Ensino Superior nos trabalhos universitários.

A Festa do Café com Biscoito e Sicoob Credivertentes já foram temas de várias monografias no Estado, desde cursos de bacharelado à licenciatura nas áreas administrativas, econômicas, sociais e pedagógicas.

Há pouco tempo, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) personalidades da história local ganharam documentário: "Crispim" apresentado pelos acadêmicos Douglas Caputo e Michele Santana; "Antônia da Percília" apresentado por Caio Sena e Marcus Santiago. Como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo foi apresentado: "Em cada emoção: 50 anos da Lira Imaculada Conceição", história e depoimentos de pessoas ligadas à corporação musical "Lira Imaculada Conceição", seu fundador, seus principais expoentes e precursores, defendida pelos alunos Bruno Caputo e Michele Santana orientados pela professora Ms. Luciene Tofóli. Outro trabalho: "Face Regional: São Tiago a Terra do Café com Biscoito" trata-se de uma revista que mostra a história, memória, cultura, culinária, tradição, personalidades atípicas e folclóricas de São Tiago. O produto inclui entrevistas e relatos históricos sobre a formação da população de São Tiago até os dias atuais e progressos, com um tom de memória nostálgica, de velhos tempos que construíram o presente, defendida pelo aluno Marcus Santiago, orientado pelo professor Dr. Jairo Faria Mendes.

Elaborar trabalhos, como esses, e apresentá-los a outros públicos é muito importante para a legitimação dos bens materiais e imateriais que caracterizam a cidade no seu jeito de ser, e, conseqüentemente, dando ampla visibilidade ao município pelo seu lado histórico, cultural, atrativos turísticos e eventos. O próprio filósofo Wilhelm Dilthey justifica a necessidade de inserir o homem em contextos diversos: "O homem não vive mais em universo somente físico, mas também em universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo, são fios que constituem o tecido simbólico, a intrincada trama da experiência humana. Todo progresso no campo do pensamento e da experiência adensa essa malha."

Marcus Antônio Santiago  
Membro do IHGST



### À MINHA MÃE

Pelos oitenta e quatro anos de seu falecimento  
Nenhum ser humano podia  
Avaliar seu sofrimento, Mãezinha!  
Por ter que deixar chorando,  
A nós, oito tenras criancinhas  
Que tanto carecíamos ainda  
De sua maternal presença,  
Dos seus beijos e carícias  
Que seriam nossas premissas  
E que nos foram tirados  
Por um mal tão inclemente  
Marcando, assim, nossas vidas  
De maneira tão sofrida  
Tornando – nos para sempre, órfãos  
De sua tão amada presença! ....  
Não é um lamento que faço  
Quando rememoro esse fato  
Que tanto marcou nossas vidas,  
Mas por ter hoje consciência  
De que a Divina Providência  
Que a ninguém jamais desampara  
Permitiu que nós tivéssemos  
Ao longo de nossos dias,  
O amparo e a companhia  
De seu espírito materno  
Que ainda sentimos tão presente,  
E que fez com que logo encontrássemos  
Uma segunda Mãe, devotada.  
Que por nós foi tão amada  
E que soube tão bem cumprir  
A missão que por Deus lhe foi dada  
De criar-nos e confortar-nos  
Naqueles momentos tão tristes  
Causados pela sua ausência ...  
Mamãe, após oitenta e quatro anos passados  
E sentimos, também, a falta  
De nossos irmãos que, já a seu lado,  
Estão a interceder por nós,  
Glorinha e eu que aqui estamos,  
Agradecemos a Deus e a você pela vida  
Que com tanto amor nos foi dada.  
Tenha, querida Mamãe,  
Um merecido descanso eterno,  
E continue, como  
sempre o fez,  
A abençoar e a rogar a  
Deus por nós!

Outono de 2013  
Antônio Ribeiro  
Jackson



Hormandina  
Melo e Sila

## Era uma vez...

Era um Sítio chamado Galanteio de Outono... em meio à paisagem exuberante, entre serras, ribeirões e cafezais, onde a natureza viva completamente em festa: flores de São João, manacás, uns maracujazinhos miudinhos, do roxo e do amarelo; juás nos espinhos pés: uns do bravo, outros comestíveis... deliciosos por sinal... e mais tantos outros frutos flores silvestres...

Galanteio de Outono era assim chamado porque ali trabalhava muita gente, que ajudava no cultivo da lavoura, industrialização do polvilho, na transformação da cana de açúcar em garapa, melado, açúcar-de-forma e rapadura. Moças e rapazes trocavam flertes e namoricos... uma vida bastante divertida...

Velho casarão, uma tosca vivenda de pau-a-pique, hospitaleira e acolhedora... ostentando castiçais e lamparinas, uma delas enorme, que meu pai levava ao moinho, onde sempre – cantando o tempo todo – até à calada da noite. Sobre uma bonita mesa de jacarandá, repousavam imagens sacras, alguns objetos e um lindo despertador... um despertador que meu pai comprara na cidade, dado nosso grande interesse por relógios, fosse de qualquer tipo: de parede, de bolso, de pulso ou de mesa... Em uma das gavetas, eram guardados blocos de papel, caderneta para anotações, lápis, canetas – tinteiro e um livro chamado manuscrito, difícil de se ler, impresso em letras bonitas e complicadas. Na cozinha, dois grandes bancos, uma pequena mesa, fogão à lenha, varais de linguça e réstias de cebola e alho... latas e latões de biscoitos sobre os armários... um antigo moedor e enorme coador de café.

À noite, ao redor do fogão, no chão entijolado, alguém contando histórias. Além das histórias contadas – fantásticas e de aventuras – tínhamos nossas próprias histórias: caminhar nas águas do regato, passear contemplando a paisagem e grande alegria quando nossos pais compravam novidades para nós, a exemplo de uns sapatinhos lindos e vermelhos, roupas de chita enfeitadas com sinhaninha – compradas na loja do João Serafim e bijuterias que mamãe comprava no mascate, que sempre passava. Para os meninos, nossos pais compravam biribas, roupas comuns e capinhas de lã... e para nós – meninas e meninos – guloseimas, quando vinham a São Tiago, Bom Sucesso ou Mercês de Água Limpa. Tudo era muito bom.

Das frestas da janela do quarto, espíavamos os seresteiros que cantavam em noites enluaradas e os transeuntes que por ali passavam, já que, ao lado de nossa casa, ficava o caminho de cavaleiros para Bom Sucesso, Capelinha e outras propriedades vizinhas.

Muitas saudades daquela vida, de nossa querência, onde vivíamos com nossos pais, com os trabalhadores e muitas visitas. Mas, enfim...



### Enfim...

Muito mais tarde visitamos nossa querência  
 Numa ardorosa querência de ver o lugar  
 O Galanteio de Outono que soubemos amar  
 E lembrar: nos varais, réstias de cebola e alho  
 Latões de biscoitos nos armários...  
 Aconchego, orações, serestas, histórias...  
 Tanta coisa guardada na memória  
 Entretanto, já não existe sequer  
 Nem casa, nem cozinha, nem casinha  
 De polvilho, de escola ou desnatadeira  
 Nem cipós de São João nem maracujazinhos...  
 Árvores, ipês nem espinhosos juazeiros...  
 Cadê o sítio, águas do açude, a messe?  
 É ...o tempo passou e o vento levou... ou  
 O vento passou e o tempo levou...  
 Mas... cadê o ralo, o moinho, o engenho?  
 Tudo construído com tanto empenho...  
 E a garapa, o açúcar, melado, rapadura...  
 Colheitas, doces, quitandas, fartura?  
 Luta rigorosamente dura... lance atroz...  
 Ali... o que teria sido feito de natureza  
 A não ser aridez, saudade e tristeza?  
 Ah... se voltar no tempo eu pudesse!  
 Mas... no alvorecer de cada novo dia  
 Uma história se reconstrói e recomeça  
 Pelo menos dentro de cada um de nós...

*Nilza Trindade de Moraes Campos.*